

**CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NO PROGRAMA DE
COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DE ESTRIGAS,
PROMOVIDO PELA SECULT-CE E PELO MINIMU-
SEU FIRMEZA, ESTRIGAS E NICE NO TERRITÓRIO
MÍTICO DE MONDUBIM E NAS ARTES DO CEARÁ,
NO CENTRO CULTURAL DRAGÃO DO MAR,
EM 26 DE SETEMBRO DE 2019**

Angela Gutiérrez⁴

Nice e Estrigas compõem um par indissociável, inconsútil, de artistas, mestres nas artes plásticas e nas artes do bem-conviver. O que acabo de dizer, mesmo quando o disse pela primeira vez, há quase quinze anos, em uma exposição dos dois artistas no Museu de Arte da UFC -MAUC, há muito já era uma verdade estabelecida e não estou reivindicando uma primazia, pois acho que desde que se uniram como casal, construíram-se como artistas, e construíram um encantador espaço de arte na cidade de Fortaleza, todos os amigos e visitantes do sítio de Mondubim já tinham essa certeza no coração. O Minimuseu Firmeza e o sítio que o abriga poderiam inscrever-se entre as sete maravilhas (se é que existem as outras seis!) de nosso mundo das artes. No mítico território de Mondubim Velho, Nilo e Nice, que há décadas se inscreveram como protagonistas na História da Arte no Ceará, receberam os visitantes e artistas como Araquém em sua cabana: com fidalga simplicidade. Lá, todos nós éramos amigos do rei – e da rainha! Lá, apreciávamos o pôr do sol filtrado por folhas de antigas mangueiras e picturais cajueiros, provando os doces preparados por Nice e ouvindo suas sempre graciosas histórias de

⁴ Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez; Escritora, Presidente da Academia Cearense de Letras, Professora Emérita da Universidade Federal do Ceará, sócia-efetiva do Instituto do Ceará, membro da Sociedade Amigos do Livro e da Associação Brasileira de Bibliófilos.

pequenos aprendizes de arte. Lá, podíamos ver a arte se fazendo: uma tela que Nilo ainda estava pintando ou um desenho que Nice estava bordando. Lá, encontrava Nilo pintando um livro – sim, uma pintura em cada página! – e escrevendo sobre pintura e pintores de ontem. Lá se encontravam os que amam a arte e os que fazem a arte ser amada.

Para esta neta do Dr. César Rossas, conceituado médico, que morava com sua mulher, Laís Pompeu Rossas, desde os anos cinquenta, no Sítio Angela Pompeu, que pertencera aos pais de Laís, Thomaz e Angela Pompeu e era situado em frente ao sítio dos Firmeza, passar férias ou mesmo morar, mais tarde, com toda a família, por alguns anos, naquele paraíso, era como viver no Sítio do Picapau Amarelo, com a facilidade de visitar Estrigas e Nice, bastando, para isso, descer um barranco e subir uma escadinha construída certamente para ela alcançar com rapidez e segurança a casa dos amigos queridos de toda a família, pelo menos, assim imaginava.

Desse modo, Estrigas é, desde sempre, para mim, o amigo Nilo, habitante do afeto da menina, depois moça, que esperava o trem passar para atravessar os trilhos que a separavam da casa hospitaleira onde podia comer carambola, manga-rosa, doce de caju e ver Nice e Nilo arquitetando e construindo arte e bondade.

As obras do casal Firmeza, ao longo do tempo, fui conhecendo-as aos poucos na própria casa dos artistas e, posteriormente, vendo em seu conjunto em exposições e, bem mais adiante no tempo, ainda, promovendo-as e apresentando-as no Museu de Arte da UFC, como Diretora do Instituto de Cultura e Arte, em parceria com o Diretor do MAUC e amigo, Pedro Eymar Barbosa. Aí começou um novo período de minha vivência com a arte do casal porque a convivência de amizade continuou a mesma, meu nome sempre foi Jan ou Janzinha para eles e Oswaldo, meu marido, sempre foi o amigo querido e médico do casal.

Entre as exposições do casal no MAUC, lembro aqui a de obras criadas entre agosto de 2006 a início de 2007, *Pinturas e Desenhos de Estrigas e Nice*, que teve curadoria do dedicado e talentoso Diretor, com colaboração de alunos da Bolsa Arte ICA/MAUC, por ele orientados. Essas obras mostram o esplendor da maturidade artística dos dois pintores tão próximos e tão diferentes. Enquanto Nice alegra nossos corações e nossos olhos com o *éclatante* colorido de suas pinturas, com a inundante presença de crianças e flores, Estrigas convida à reflexão, com seus traços cartesianos, com a pureza de suas linhas, com a paz de seus tons pastéis.

Àquela época, convidei os presentes, como os convidado agora, a reverenciarmos sem pudor, os mestres de Mondubim, a relembarmos as mangueiras do sítio acolhedor: Nice, com uma flor no cabelo, oferecendo sorrisos, flores e frutos de sua arte e Nilo, a seu lado, mostrando as linhas e cores de seu talento. Fechemos os olhos e entremos, ninguém precisa pedir licença para entrar nesse paraíso.

A excelência da arte de Estrigas⁵ é tão patente que não exige nem permite explicações sobre o motivo de ter-lhe sido concedida pela UFC a Medalha de Mérito Cultural, proposta ao Conselho Universitário, em julho de 2005, pelo então Reitor, Prof. René Teixeira Barreira, por solicitação do ICA e do MAUC e aprovada por unanimidade. Aliás, bastaria correr os olhos sobre as paredes do Museu, com bela exposição inaugurada no dia em que foi entregue a Medalha, para bater palmas. No entanto, reconhecer, por meio de palavras, seu talento de artista e seu papel na história das artes plásticas no Ceará é preciso, assim como “navegar é preciso” para o poeta.

O devotamento de Estrigas – então com 87 esplendorosos anos de idade – ao desenvolvimento da Cultura em nosso Estado é

5 Parte desse texto baseia-se em discurso que proferi na noite em que Estrigas recebeu a Medalha de Mérito Cultural da UFC.

amplamente conhecido, e se expressa na qualidade artística de suas obras, em seu empenho em formar novas gerações de artistas, em sua dedicação à pesquisa sobre a arte no Ceará, em sua obra de escritor e em sua estreita ligação com a Universidade Federal do Ceará, através do apoio às atividades do Museu de Arte e, especialmente, pelo valioso acervo que doou à UFC, não só de 22 peças de coleção do artista plástico de renome internacional Aldemir Martins, como de muitas de suas próprias obras.

Estrigas, no seu sítio de Mondubim, conseguiu criar, junto com Nice, uma verdadeira escola de arte ao ar livre, no aprazível e produtor recanto de arte no Ceará. Gerações de pintores iniciaram-se nas artes sob a sombra das seculares mangueiras que ampliam o espaço do MiniMuseu Firmeza, ouvindo as sábias conversas do casal anfitrião e traçando linhas e experimentando cores sob o olhar do mestre.

A vida artística de Estrigas inicia-se nos anos 50, quando, ao lado de Nice, participa da extraordinária e pioneira experiência da SCAP – Sociedade Cearense de Artes Plásticas, formada, ainda, por Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Barrica, Barboza Leite, Carmélio Cruz, Heloísa Juaçaba, Mário Barata, Zenon Barreto, entre outros significativos nomes da pintura em nossa terra e além-fronteiras.

Ao longo da carreira de Estrigas, respeitados nomes do meio cultural têm-se manifestado sobre seu trabalho artístico. Não sendo possível reportar-me a todos, opto por salientar as opiniões de dois membros do CLÃ, por pertencerem a um grupo irmão da SCAP, sobre a arte de Estrigas. Já em 1969, assim se expressa o poeta Artur Eduardo Benevides sobre o mestre de Mondubim: “Estrigas é um dos artistas cearenses que dispõe de maior poder de criação, com uma técnica de composição que cada dia mais valoriza e aprimora.” E, em 1973, diz Milton Dias, por ocasião de uma retrospectiva de nosso homenageado: “Estrigas nasceu artista e soube explorar o dom

que Deus lhe deu, o que vem fazendo sem pressa e sem interrupção, consciente, metuculoso, irreprensível, honesto. Este artista tão grande e tão verdadeiramente Estrigas pode agora ser visto no seu conjunto, nesta retrospectiva belíssima, testemunha de toda uma vida dedicada à arte.”

Convoco, ainda duas vozes femininas, a de Zuleide Martins de Menezes, nos anos setenta: ‘Estrigas dá-nos uma mostra de uma rica versatilidade no domínio da sua arte, no emprego e utilização de uma técnica apurada, onde o traço leve, a delicadeza da composição cromática revelam o artista maduro capaz de renovar-se sem, contudo, incorrer jamais nos riscos da busca do insólito, ao sabor de modismos passageiros e diletantes.”

Anos depois, a voz de Isabel Lustosa, escritora e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, comentava:

“Tudo nesse artista é discrição: o humor leve, a ironia que não maltrata, o tom baixo da voz mansa, os movimentos quase orientais. Até mesmo a sua arte. Sua pintura é clara e luminosa, mas sem excessos, espalha-se em aguadas sobre o papel ou, numa camada de tinta a óleo muito fina, sobre pequenas telas, de onde recortam-se, numa absoluta economia de traços, as figuras, apenas esboçadas, apenas sugeridas, produzindo sínteses em cuja beleza, a gente reconhece a alma do artista”.

O número exato de participações de Estrigas em coleções e em exposições, individuais e coletivas, no Ceará, no território nacional e no estrangeiro, é difícil de precisar, considerando sua longa carreira de intensa criação artística. Lembremos, entre as coletivas, sua participação no Salão Paulista de Belas Artes (em 59/60), Salão Paulista de Arte Moderna (em 59/61), no Panorama de Arte Atual Brasileira (SP, 76) e em várias versões do Salão de Abril; entre as individuais, recordemos, nos últimos anos, suas exposições no IPHAN, no Museu

do Ceará, no Espaço Cultural da UNIFOR, na Oboé e no MAUC. Em 2004, sua tela dedicada ao navegante espanhol Vicente Yáñez Pinzón foi transformada em imenso painel de pastilhas, medindo 11 m por 15 m, e instalado no Mucuripe, local descrito pelo navegante.

Como pesquisador e crítico de arte, Estrigas atuava na preservação da memória, da história e da dinâmica de nossas artes. No livro *Arte – Aspectos pré-históricos no Ceará* (1969), Estrigas analisa desde a pintura dos primitivos habitantes da Serra de Uruburetama à arte indígena. Além de ter participado da SCAP como artista, Estrigas conservou a história desse importante grupo cultural em seu livro *A Fase Renovadora na Arte Cearense* (UFC, 1983), e a trajetória de alguns de seus membros em outras publicações monotemáticas, *Barrica – o alquimista da arte* (1993), *Bandeira: a permanência do Pintor* (1997) e em muitos artigos de revistas, como o que dedicou a Zenon Barreto na Revista *Clã* nº 22, de 1966. Destaco, ainda, o livro *Contribuição ao Re-conhecimento de Raimundo Cella* (1988), a monografia *O Salão de Abril: história e personagens* (UFC/PMF, 1994)); e, em dois volumes (UFC, 2002), a obra *Arte na dimensão do momento*, espécie de diário dos acontecimentos ligados à arte. Como diz o autor: “...resolvi reunir os registros que fazia, a partir de 1951, quando ingressei na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP). São anotações de pequenos fatos e detalhes sem maior empenho de análise, mas que poderiam guardar explicações para outros acontecimentos, e, também, preservar do esquecimento essas pequenas doses que alimentam, em parte, a nossa história artística e formam o seu recheio”. Apesar da modéstia do artista quanto a esse livro, o Prof. Gilmar de Carvalho, arguto conhecedor da arte de Estrigas, considera, referindo-se ao 1º volume, que : “É um livro que vai além da questão da arte, que avança na ética e nos dá um painel abrangente, pluralista e isento (na medida em que exista isenção no mundo) do que somos e do que fizemos de 1951 a 1971”.

Artista com múltiplos dons, Estrigas também se dedica à ilustração de livros de amigos, como *Hoje Quero Marinar* (1965) e outros de Ciro Colares, *Os Saltadores de Abismos* (1967), de Otacílio Colares, *Contos para Alguém dizer* (1970), de Manuel Coelho Raposo, *Viagem no Arco-Íris*, de Milton Dias e Cláudio Martins (1974), *O Pastoreio da Nuvem e da Morte*, de Caetano Ximenes Aragão (1975), *O mundo de Flora* (1990) e *Avis rara* (2001), desta admiradora e amiga, entre outros.

Além de suas publicações como ensaísta, Estrigas aventurou-se, com sucesso, no campo da literatura. Em 1999, na exuberância de seus 80 anos, publica o livro: *23 textos/desenhos*, em que brinca com a antiga e quase sempre frutífera relação da arte pictórica com a arte escritural e, especialmente, poética, como no dizer de Horatio, *Ut pictura poesis*. Em 2003, reúne dois textos literários em um mesmo livro: *Entre o dia e a noite e Diário Paralelo 1982-1991*, no primeiro, de crônicas (microtextos), esboça impressões, retrata amigos, recria leituras, pinta sentimentos, enfim, como diz o pintor-poeta: “Entre o dia e a noite as coisas acontecem. Ou não!”. No segundo, o pintor-memorialista emite, em suas palavras, “um grito anônimo de protesto” sobre os acontecimentos bélicos e violentos do mundo. E as memórias terminam, com um “tira-gosto”: um poema. Em 2005, o pintor-poeta-cronista lança *Estrigas – textos e ilustrações*, em que, como diz na introdução: “Abri os olhos e apurei os ouvidos. Agucei os sentidos. O que vi, ouvi, senti e pensei veio parar aqui”. Em 2006, publica, *Zodiacarte*, coletânea de crônicas poéticas ilustradas ou de desenhos com versão poética, além de pequenos ensaios: “Signos, arte, espaço de um ano, como o zodíaco, fez surgir o zodíaco + arte = zodiacarte”, diz o artista.

Considerado pelos artistas e pela crítica especializada como o grande mestre dos pintores cearenses, Estrigas é verbete do *Dicionário*